

“HA NO BRASIL PARA MAIS DE 3 MILHÕES DE INDIOS QUE CLAMAM PELO EVANGELHO E PELO NOSSO AMOR”: FRANCISCO COLLARES NO CONTEXTO DA EXPANSÃO MISSIONÁRIA BATISTA PARA O BRASIL CENTRAL (1930-1955)

“THERE ARE MORE THAN 3 MILLION INDIANS IN BRAZIL WHO CRY OUT FOR THE GOSPEL AND FOR OUR LOVE”: FRANCISCO COLLARES IN THE CONTEXT OF THE BAPTIST MISSIONARY TO CENTRAL BRAZIL (1930-1950)



Paulo Julião da Silva¹

Resumo

Objetiva-se neste artigo descrever e analisar as ações de Francisco Collares enquanto missionário da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira entre os anos de 1930 e 1955 em Piabanha, no então norte de Goiás. A metodologia utilizada se configurou a partir de análise de documentação e bibliografia especializada. Concluiu-se que as ações de Collares em sua empreitada não **foram bem-sucedidas, apesar** de relatos de sucesso divulgados n’*O Jornal Batista*. Um dado que corrobora com tal situação é que no ano de 1939, as lideranças batistas decidiram concentrar esforços na evangelização de sertanejos que estavam migrando para a Amazônia. Assim, espera-se contribuir com a história do missionarismo protestante no Brasil, particularmente batista, durante a primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Missões Batistas; Brasil Central; Francisco Collares.

Abstract

The aim of this article is to describe and analyze the actions of Francisco Collares as a missionary of the National Mission Board of the Brazilian Baptist Convention between the years 1930 and 1955 in Piabanha, in the then north of Goiás. The methodology used was based on analysis of documentation and specialized bibliography. It was concluded that Collares' actions in his endeavor were not successful, despite reports of success published in *O Jornal Batista*. One fact that corroborates this situation is that in 1939, Baptist leaders decided to concentrate efforts on the evangelization of *sertanejos* who were migrating to the Amazon. Thus, it is expected to contribute to the history of Protestant missionaryism in

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Adjunto do Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da Educação (DFSFE). Professor do Mestrado Profissional em História (ProfHistória/UFPE), bem como do Programa de Pós-graduação em História da mesma Universidade (PPGH/UFPE). E-mail: paulo.juliao@ufpe.br.



Brazil, particularly Baptist during the first half of the twentieth century.

Keywords: Baptist Missions; Central Brazil; Francisco Collares.

Introdução

O objetivo deste artigo é descrever e analisar as ações do missionário Francisco Collares como parte do processo de expansão da denominação Batista para o Brasil Central. A expansão teve início em 1926, após a apresentação do Relatório de uma viagem realizada pelo missionário da Junta de Richmond, Lewis Mallen Bratcher², durante a Reunião da Convenção Batista Brasileira (CBB) daquele ano. Inicialmente, a Junta de Missões Nacionais (JMN) da CBB enviou para trabalhar entre os indígenas xerente os missionários Zacarias Campello e Noemi Campello que, após um período de estudos da região, resolveram evangelizar os índios craô³. A missão teve início em uma região conhecida como Piabanha (hoje Tocantínia), no antigo norte de Goiás (hoje Tocantins)⁴. Neste trabalho, analisaremos a participação do missionário Francisco Collares nessa empreitada a partir de 1930 até o ano de 1955⁵.

² “Lewis Mallen Bratcher nasceu no dia 11 de junho de 1888, em Black Rock, Kentucky, Estados Unidos. Era o nono dos doze filhos que tiveram o casal Galveston e Hettie Bratcher. Estudou em uma escola pública próxima a sua residência, onde aprendeu as primeiras letras. Aos quatorze anos professou publicamente a sua fé tendo sido batizado em uma igreja batista que havia próximo à sua casa. Aos 19 anos matriculou-se no Georgetown Baptist College, onde deu início aos estudos teológicos. O contato feito com o missionário A. B. Deter, que trabalhava no Brasil há algum tempo, o deixou curioso acerca dos projetos que a Junta de Richmond desenvolvia na América do Sul. Em 15 de junho de 1915, casou-se com Artie Amanda Potter e, pouco tempo depois, transferiu-se para Louisville, onde concluiu o seu curso em teologia. Em 1918, Bratcher apresentou-se à Junta de Richmond e foi nomeado missionário para trabalhar no Brasil. A chegada à cidade do Rio de Janeiro ocorreu no dia 05 de fevereiro de 1919. Desde então, o missionário exerceu diversas atividades no país, sendo a principal delas a de Secretário Correspondente da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, cargo que ocupou de 1926 até 1953, ano de sua morte”. A Junta de Richmond era a organização missionária da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, que foi a principal responsável pelo financiamento do missionarismo batista no Brasil. SILVA, Paulo Julião da. **Entre a evangelização e a política:** a expansão missionária batista para o Brasil Central. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016, p. 84.

³ PURIN, Dulce Consuelo Lopes. **O aventureiro que Deus usou:** biografia de Zacarias Campello. Rio de Janeiro: UFMBB, 2011.

⁴ ALMEIDA, Vasni de; SABINO, Wedster Felipe Martins. “Destruindo as trevas espirituais, morais e intelectuais”: historicidades religiosas e educação batista no Vale do Rio Tocantins (1936-1940). **Rev. Hist. UEG**, Porangatu, v.8, n. 1, p. 1-20, 2019.

⁵ Em 1930, Francisco Collares inicia seus trabalhos na missão que havia sido inaugurada por Zacarias Campello entre os índios da região em 1926. 1955 corresponde ao ano em que ele se desliga da JMN da CBB e vai para o Espírito Santo, onde funda o Lar Espírito-Santense de



Bratcher fez uma viagem no ano de 1925 e publicou diversos relatos n' *O Jornal Batista*, então principal veículo de comunicação da denominação⁶. Descrevia sobre questões climáticas, dificuldades de se chegar aos lugares, ausência do poder público em vários sentidos, o que supostamente justificava a ação dos batistas no interior do país. Vale ressaltar que nem sempre os batistas se interessaram pela evangelização dos “sertões”⁷. Muitos foram os embates entre missionários norte-americanos e brasileiros, uma vez que estes desejavam expandir as missões para o interior, enquanto aqueles diziam que preferiam consolidar a evangelização nas grandes cidades e, só após o desenvolvimento missionário nas regiões litorâneas a denominação deveria se preocupar com os povos mais afastados⁸.

Estas querelas, dentre outras questões, tiveram consequências para a denominação. Entre os anos 1920 e 1930, os batistas se dividiram em um evento que ficou conhecido como *Movimento Radical*, no qual a missão implantada no Brasil sofreu sua primeira cisão, gerando atritos e conflitos entre o grupo protestante que mais crescia no país na primeira metade do século XX⁹.

Voltando ao projeto de expansão missionária, outros grupos protestantes que estavam no Brasil demonstravam interesse em evangelizar o interior. Lideranças de denominações que haviam participado do Congresso do Panamá¹⁰

Crianças, na cidade de Alegre.

⁶ ADAMOVIČZ, Anna Lúcia Collyer. **Imprensa protestante na Primeira República: evangelismo, informação e produção cultural.** O *Jornal Batista* (1901 – 1922). Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

⁷ Segundo Isabel Cristina Martins Guillen, a sertão nesse contexto “[...] se tratava de paragens ignotas e desocupadas. Desintegradas do restante do país, eram tidas como terras que ainda precisavam ser colonizadas. Enquanto categoria homogeneizadora, sertão esconde uma multiplicidade de formas de ocupação, que vão desde as fazendas de criação de gado pelo sertão nordestino, passando pelas regiões de garimpo em Mato Grosso até o extrativismo de drogas do sertão pelo interior da Amazônia”. GUILLEN, Isabel Cristina Martins. A luta pela terra nos sertões de Mato Grosso. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 148-168, 1999, p. 148. Neste artigo, em alguns momentos, vou me referir a esses territórios pelo termo interior.

⁸ SILVA, Paulo Julião da. “O apóstolo do sertão”: L. M. Bratcher e o início da expansão batista para o Brasil Central. **Lusitania Sacra**, Lisboa, v. 2, n. 35, p. 119-144, 2017.

⁹ OLIVEIRA, Edson Douglas de. **Um Judeu Batista no Brasil: Relações entre protestantismo, estudo e sociedade no período da República Velha com base na narrativa do missionário batista Salomão Ginsburg (1890-1909).** Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

¹⁰ “[...] em 1916, diversas sociedades missionárias, a maior parte delas norte-americanas, se reuniram para discutir os rumos da evangelização da América Latina. O Congresso da Obra Cristã na América Latina, que ficou conhecido como Congresso do Panamá, foi organizado pelo CICAL. As reuniões aconteceram entre 10 e 19 de fevereiro nas dependências do Hotel Tívoli, em Ancon, na Zona do Canal do Panamá. Além das críticas recorrentes à Igreja Católica, os missionários



organizaram a Missão Caiuá, que teve início em 1929, objetivando realizar trabalhos civilizacionais entre os indígenas do Mato Grosso. Esses grupos acompanharam o plano de expansão governamental que era liderado pelo Marechal Rondon, o qual relatava supostas oportunidades que o Brasil estaria perdendo por não ocupar, do ponto de vista civilizacional, o interior do país¹¹.

Os batistas não participaram da Missão Caiuá, nem dos congressos ecumênicos que discutiam a implantação de missões na América Latina por, segundo Azevedo¹², serem uma corrente protestante sectária. Contudo, os relatórios e as decisões das reuniões entre as denominações protestantes que desejavam expandir suas concepções no Brasil chegavam aos olhos e ouvidos das lideranças da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira que, em um misto de rivalidade com desejo de se consolidar no país, debatiam a necessidade de se investir nos diversos projetos missionários que os batistas possuíam¹³.

Essa investida protestante no interior do Brasil, na primeira metade do século XX, já foi estudada em outras ocasiões, nas quais os autores se dedicaram às análises de ações ecumênicas, de ações que se caracterizaram por exclusividades denominacionais, ou mesmo de missionários de forma singular, os quais partiram para o interior financiado por alguma organização ou de forma particular.

Quanto às missões ecumênicas no interior do Brasil, fazer a leitura do livro de Carlos Barros Gonçalves¹⁴, no qual o autor analisa o movimento protestante ecumênico entre os indígenas na Reserva de Dourados no Mato Grosso. Gonçalves mostra como diferentes denominações se organizaram no sentido de

envolvidos afirmavam que as missões protestantes existentes na região não teriam conseguido maiores conquistas na expansão do protestantismo. A ideia era consolidar os trabalhos existentes e abrir novos campos para a evangelização”. Cf. SILVA, 2016, p. 55-56.

¹¹ LOURENÇO, Renata. A Missão Evangélica de Caiuá e a educação escolar para os indígenas da Reserva de Dourados e Aldeia do Panambizinho – de 1928 a 1968. **Fronteiras**, Dourados, v. 12, n. 21, p. 125-150, 2010.

¹² AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro**. Piracicaba: Editora da UNIMEP, 1996.

¹³ ALMEIDA, Vasni de; SABINO, Wedster Felipe Martins. As práticas missionárias batistas no vale do Rio Tocantins entre 1925 e 1940: apontamentos históricos para a compreensão de um evangelismo conservador, **Revistas Desafios**, Porto Nacional, v. 7, n. Especial, p. 229-242, 2020.

¹⁴ GONÇALVES, Carlos Barros. **Até os confins da terra: o movimento protestante ecumênico no Brasil e a evangelização dos povos indígenas**. Dourados (MS): Editora da UFGD, 2011.



expandir as concepções evangélicas entre os nativos que ali habitavam, levando consigo concepções civilizacionais que, em muitos casos, superavam a simples ideia de conversão pregada no discurso de alguns evangelicalistas (pregadores que desejavam a conversão) do protestantismo.

Raquel Alves de Carvalho¹⁵ analisa a instalação da Missão Caiuá na Reserva de Dourados, mostrando como o trabalho ecumênico foi fundamental para a consolidação do desenvolvimento da missão. Metodistas, presbiterianos, presbiterianos independentes, principalmente, desenvolveram ações entre os indígenas a partir dos anos 1920, cujas consequências podem ser sentidas até os dias de hoje entre os nativos da região.

Sobre missões singulares denominacionais, Ester Fragas Vilas-Boas do Nascimento¹⁶, por exemplo, analisou a inserção presbiteriana no sertão baiano na qual a Igreja Presbiteriana, com um projeto civilizacional, implantou a tríade que fez parte das intenções missionárias norte-americanas no Brasil. Os trabalhos se dividiam em ações educacionais, de saúde e evangelística. O objetivo era salvar a alma e o corpo da população do interior, com o discurso de uma missão que fosse integral e que não apenas focasse na conversão religiosa dos indivíduos.

Vasni Almeida e Maiza Pereira Lobo¹⁷ discutem justamente a questão da inserção missionária batista para a região que debato neste artigo, analisando as ações das mulheres nessa empreitada. Elas saíam de suas casas com uma imagem do feminino e se reinventavam para trabalhar nas missões, pois não seriam apenas mães e donas de casa, mas também professoras, médicas, enfermeiras, líderes de comunidades etc. Em muitos casos essas mulheres permaneciam solteiras, alegando que o campo evangelístico era mais importante do que a formação de uma família.

¹⁵ CARVALHO, Raquel Alves de. A missão Evangélica Caiuá: instalação e organização. **Revista de Educação do Cogeime**, São Paulo, n. 25, p. 89-103, 2004.

¹⁶ NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas do. **Educar, curar, salvar**: uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió: EDUFAL, 2007.

¹⁷ ALMEIDA, Vasni; LOBO, Maiza Pereira. Gênero: as organizações femininas e o trabalho educacional e missionário no antigo Norte de Goiás. **DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, Palmas, v. 2, n. Especial, p. 38-57, 2015.



Reiterando o que trazem os autores acima, Tamires Alves Muniz e Sauloéber Tarsio de Souza mostram que o protestantismo que se instalou no interior do Brasil, particularmente em Goiás, fundamentou-se em eixos de ações citados abaixo, que configurava o projeto civilizacional norte-americano. “Ou seja, buscava-se criar instituições sociais nessas áreas de forma a atender a população e aproximá-la da fé protestante, apresentada como uma fé e uma concepção de vida e de sociedade superior”¹⁸.

Ezilene Nogueira Ribeiro¹⁹ analisa a trajetória no Pará de Eurico Alfredo Nelson, missionário sueco batista que, mesmo sem o apoio oficial de organizações evangélicas, aproveitou a questão da exploração da borracha para expandir o protestantismo entre indígenas, trabalhadores dos seringais e parte da elite que compunha aquela região entre fins do século XIX e início do século XX.

Os textos citados acima mostram a preocupação de historiadores que, no campo da história ou de áreas como ciências das religiões, têm se dedicado às missões protestantes em suas questões plurais e distintas. Isso demonstra a importância da temática para a História do Brasil, uma vez que o protestantismo, com sua heterogeneidade, é a religião que mais cresce no país em termos numéricos, de representatividade política e de inserção social.

A partir de agora farei uma descrição, bem como uma análise, das ações do missionário Batista Francisco Collares, a partir de 1930, entre os indígenas craô. Entendo que esse texto é importante no sentido de contribuir com as discussões sobre a história do missionarismo protestante no Brasil, principalmente em relação a denominação Batista, em um contexto de expansão dos interesses evangélicos de várias denominações para o interior do país, como pode ser percebido nos trabalhos citados acima.

Francisco Collares

Francisco Collares nasceu em Macaé, Rio de Janeiro, no dia 23 de junho

¹⁸ MUNIZ, Tamires Alves; SOUZA, Sauloéber Tarsio de. Evangelizar, educar e modernizar: os institutos Samuel Graham e Granbery e a experiência protestante em Goiás (1943-1963), **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 22, n. 1, p. 1-26, 2022.

¹⁹ RIBEIRO, Ezilene Nogueira. **Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção dos batistas em Belém do Pará**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011.



de 1900. Filho de Antônio de Sá Cardoso e Maria Cardoso Collares, o missionário cresceu em sua terra natal, onde recebeu o aprendizado das primeiras letras. Converteu-se ao protestantismo aos 19 anos de idade, tornando-se membro da Igreja Congregacional de Bento Ribeiro, após realização de seu batismo. Teve o primeiro contato com os estudos teológicos através do missionário batista Salomão Ginsburg²⁰. Pouco tempo depois, transferiu-se para a Igreja Batista de São Cristóvão, na qual foi novamente batizado. Não se pode afirmar com precisão as razões que levaram Francisco Collares a mudar de denominação. Contudo, os ensinamentos teológicos recebidos de Salomão Ginsbug, que também havia sido protestante da Igreja Congregacional, parecem ter sido importantes na sua decisão²¹.

Em pouco tempo como membro da nova denominação, Collares matriculou-se tanto no Colégio, quanto no Seminário Batista do Rio de Janeiro. Seguindo os conselhos de Salomão Ginsburg, transferiu-se para Recife, onde terminou o seu curso de Bacharel em Teologia no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Após concluir sua formação, foi consagrado ao pastorado no dia 04 de março de 1928. Em Recife, conheceu Beatriz Collares, que na época era aluna da Escola de Trabalhadoras Cristãs, com quem contraiu seu primeiro matrimônio. Dessa relação teve as filhas Lídia Collares, que nasceu em Carolina, município localizado no sul do Maranhão (1931), e Stela Collares, nascida na Aldeia de Indianópolis, próximo ao município de Carolina, Maranhão (1932). Beatriz morreu em 1944, em Itacajá, Goiás (hoje Tocantins). Após sua morte, Francisco Collares contraiu novo matrimônio com a missionária Nair de Almeida, no dia 27 de dezembro de 1945²².

Francisco Collares entrou na JMN em 1928. Em 1929, iniciou seus trabalhos na cidade de Carolina e, finalmente, em 1930, começou a evangelizar os

²⁰ Judeu Polonês que se converteu ao cristianismo e migrou para a Inglaterra. Lá teve contato com o filho de um rabino, foi deserdado por seu pai quando professou a fé cristã. Tornou-se missionário congregacional em Portugal, tendo migrado para o Brasil, onde conheceu as missões batistas e se tornou um dos mais atuantes líderes da denominação. Dentre as suas contribuições aos batistas brasileiros estão a criação do hinário “Cantor Cristão” e do periódico “As Boas Novas”, em 1891 e 1894, respectivamente. GINSBURG, Salomão Luiz. **Um judeu errante no Brasil:** autobiografia. 2^a ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa/Casa Publicadora Batista, 1970.

²¹ MARTINS, Mário Ribeiro. **Quem foi Francisco Colares?** [s.l.] 2014. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=11311&cat=Ensaio>. Acesso em: 03 nov. 2014.

²² MARTINS, 2014.



indígenas craô na região de Piabanha (hoje Tocantínia), no antigo norte de Goiás (hoje Tocantins). Serviu como missionário da JMN até o ano de 1955, quando foi transferido para o Espírito Santo, onde fundou o Lar Espírito-Santense de Crianças, na cidade de Alegre. Faleceu no dia 20 de agosto de 1980²³.

A missão desenvolvida por Francisco Collares entre os indígenas começou em 1930. Bratcher fez questão de informar aos leitores d'*O Jornal Batista* que, depois de um ano de trabalho na cidade de Carolina, Collares e sua esposa haviam se estabelecido na aldeia de Pedra Branca, denominada Indianópolis, para realizar uma missão entre os craô. Segundo o secretário da JMN,

Os índios os receberam de braços abertos e, ha lá, uma oportunidade maravilhosa para o trabalho do Senhor. Já estabeleceram o seu Collegio e tem 5 meninos internos. Querem receber mais, porém, em vista da diminuição das entradas, a Junta achou por bem limitar o auxílio a 100\$000 (cem mil réis) mensaes²⁴.

Porém, apesar da notícia entusiasmada de Bratcher, muitas foram as críticas ao casal de missionários pela sua opção em realizar um trabalho entre os nativos. As discordâncias partiam dos próprios membros da denominação batista, sobretudo por parte de algumas lideranças. Tais críticas começaram antes mesmo da chegada do casal a Pedra Branca, região onde deram início à evangelização dos indígenas.

É possível perceber nos relatórios e nas justificativas que os financiadores do trabalho missionário não aprovavam a ideia de se fazer prosélitos²⁵ entre os indígenas²⁶. Em contrapartida, Francisco Collares procurava justificar a necessidade da abertura do trabalho entre os nativos usando dois principais argumentos. No primeiro, alinhando seu discurso ao do Estado, o missionário tentava mostrar que os indígenas deveriam fazer parte da sociedade nacional. Era necessário levar o litoral para o interior, a civilização para o selvagem, o moderno para o arcaico, dar nova vida aos que viviam em supostas condições de miséria e

²³ *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 14 set. 1980, p. 1.

²⁴ BRATCHER, L. M. "Francisco e Beatriz Collares". *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 22 jan. 1931. p. 7.

²⁵ Proselitismo é a atividade de fazer prosélitos, ou seja, pregar para convencer e converter. Prosélitos seriam os convertidos a partir do proselitismo.

²⁶ Outros missionários como Beatriz Silva e Zacharias Campello também desenvolviam missões entre os craô nesse contexto. Para saber mais: SILVA, 2016.



atraso moral, econômico e social. Nesse caso “[...] civilizar não caracterizava a ideia de uma exploração pura e simples, mas trazia a ideia de povoação, de dar aos índios meios para que se integrassem ao novo Brasil moderno”²⁷. O evangelismo da nação brasileira precisava contemplar tais grupos para que eles fossem civilizados de acordo com os princípios da “Palavra de Deus”. No segundo, eram exploradas as questões teológicas do trabalho missionário. Os indígenas precisariam da salvação, uma vez que supostamente praticavam uma religiosidade falsa e, portanto, deveriam conhecer a “mensagem do evangelho”.

Tentando convencer os opositores do trabalho entre os índios da importância de se investir nesse tipo de missão, Francisco Collares descreveu, em 1930, quais seriam as três principais razões para que a evangelização dos nativos entrasse “de uma vez” na agenda do missionarismo batista no Brasil:

I- Os nativos também faziam parte da Grande Comissão²⁸: O missionário afirmou que Cristo teria ordenado que o evangelho fosse pregado a todos os povos e em todas as terras. Os indígenas, portanto, deveriam estar incluídos entre os ouvintes da “Palavra de Deus”;

II- Por aqueles que eram vocacionados para evangelizar os nativos: Segundo o missionário, Deus teria chamado pessoas para trabalhar entre os indígenas no Brasil. Se a JMN não apoiasse o trabalho entre eles, estaria impedindo o desenvolvimento das pessoas que foram chamadas para esse fim;

III- Por ser uma obra de verdadeiro altruísmo: Os indígenas, dentre os brasileiros, eram os que mais possuíam suas vidas devastadas pelo “poder das trevas”. O missionário alegava que sem regras e sem limites desde a infância, aquelas pessoas entravam na vida de “miséria pecaminosa” precisando urgentemente do evangelho para se transformar.

No final da justificativa, fez o seguinte questionamento: “Surge, naturalmente, uma pergunta. Como fazer o serviço de modo que produza resultados positivos?” A resposta foi dada pelo próprio Collares com as seguintes

²⁷ FREIRE, José Ribamar Bessa; LIBÂNIO, Pedro. Rondon, o Brasil dos sertões e o projeto de nação. In: FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **Memória do SPI**: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910–1967). Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI, 2011, p. 170.

²⁸ Termo bíblico que se refere ao possível mandamento de Jesus Cristo para evangelizar todos os povos.



sugestões: os obreiros precisavam demonstrar mais amor pelos nativos; os presentes deveriam desaparecer²⁹, uma vez que os indígenas precisavam aprender a conquistar as coisas; os nativos deveriam ser ensinados sobre a importância do trabalho para não viver na preguiça nem no nomadismo. Além disso, a JMN deveria investir na educação primária e no cuidado com os doentes. Concluiu suas palavras afirmando que: “Não é tão difícil [...] Si Deus é o vosso socio fazei largo os vossos planos”³⁰.

Como não houve conversão de indígenas em pouco espaço de tempo, as críticas ao trabalho de Francisco Collares se tornaram uma constante por parte das lideranças da denominação. Em Santa Maria, povoado localizado a 12 km de Tocantínia, as primeiras conversões de índios só ocorreram 12 anos após a chegada dos batistas à região. Isso era inadmissível na visão de parte das lideranças. Qual a razão de tamanho investimento se os resultados não eram nem próximo do esperado pela denominação? Como conquistar a “Pátria para Cristo” perdendo tanto tempo entre pessoas de “coração duro” que não davam a mínima para as “Boas Novas de Salvação”³¹?

Foi necessária a intervenção do presidente da JMN, Manoel Avelino de Souza, defendendo o trabalho realizado entre os indígenas. O presidente pediu paciência aos “irmãos”, garantindo que em breve os críticos iriam se alegrar com as notícias que ele prometia divulgar. Reconhecia que “os resultados naturalmente não são os que desejamos, mas a obra não tem sido infructifera e perdida [...] É sempre uma obra de fé”³². Tentou argumentar a favor do casal de missionários afirmando:

O que estamos fazendo na instrução dos indios, como na evangelização, é trabalho de fé. Sem fé é impossível tentar, e mesmo continuar. Alguns já se tornaram impacientes com os resultados da sementeira entre os indios. E acham que se deve, senão parar de vez, ao menos reduzir o esforço [...] Nada de

²⁹ O contato com os nativos era realizado através de “presentes” como espelhos, ferramentas, roupas, etc. Francisco Collares discordava e acreditava que os índios só se aproximavam dos missionários com interesses materiais. Em 1930, afirmou que precisou falar “[...] *duro* a alguns indios, para perderem o habito de eternos pedintes”. COLLARES, F. “Francisco Collares”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 11 set. 1930. p. 7

³⁰ COLLARES, F. “Porque evangelizar os indios”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1930. p. 6.

³¹ COLLARES, F. “Olhando os campos: Francisco Colares”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 05 nov. 1942. p. 3.

³² SOUZA, M. A. “A Junta e a instrução dos indios e civilizados no interior. Tentativas no passado e no presente”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 15 fev. 1934. p. 8.



desanimo e falta de fé, marchemos para o alvo. Deus porém nos dará a victoria para sua gloria e para salvação dos que perecem nas trevas e na miseria do pecado³³.

Apesar das dificuldades que relatava costumeiramente n’O *Jornal Batista*, Francisco Collares manteve o trabalho entre os craô. Dizia que não podia abandonar os indígenas à própria sorte. Em um discurso proferido entre as lideranças batistas no ano de 1935, afirmou que:

Ha no Brasil para mais de 3 milhões de indios que clamam pelo evangelho e pelo nosso amor [...] Multidões de multidões desejam ouvir as Boas novas [...] sejamos fieis batalhadores na causa de Deus, obriguemos a nós mesmos a renuncias de qualquer cousa, de qualquer pessoa, e revistamo-nos da graça de Jesus Christo, afim de levarmos a Salvação a todas as pessoas que a não têm ainda. E que Deus vos abençoe³⁴.

Ciente da importância de divulgar informações n’O *Jornal Batista*, Collares demonstrava no periódico que estava feliz com a missão realizada entre os indígenas. Constantemente noticiava que os frutos na missão eram visíveis, uma vez que as crianças estavam mostrando interesse no aprendizado escolar, e os adultos nos cultos realizados nas diferentes aldeias³⁵. Em 1935, mostrou os resultados da alfabetização entre as crianças, reiterando a necessidade da educação no processo de evangelização³⁶. O presidente da JMN também ajudou Francisco Collares na propagação dos “grandes resultados” obtidos entre os craô, noticiando que o trabalho entre os índios em Piabanha estava indo muito bem, uma vez que os adultos tinham interesse em ouvir a “Palavra”, e as crianças demonstravam amor pelos estudos³⁷. Em um relatório enviado à JMN no ano de 1937, Collares e Campello informaram que uma das escolas mantidas pela missão

[...] encerrou brilhantemente seu primeiro anno lectivo, com um excelente programa de temperança, que empolgou o auditorio. Está vencida uma etapa que muito contribuiu para melhorar as circunstancias. Todo o trabalho vae bem, louvado seja o

³³ SOUZA, 1934.

³⁴ COLLARES, F. “A evangelização dos indios: discurso de Francisco Collares”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 16 maio. 1935. p. 6.

³⁵ COLLARES, F. “Evangelizando os indios”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 07 abr. 1932. p. 6.

³⁶ COLLARES, F. “Noticias dos campos: Francisco Collares”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 05 set. 1935. p. 7, 8.

³⁷ SOUZA, M. A. Noticias dos campos. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro. 30 maio 1935. p.9.



Senhor³⁸.

Analisando as citações acima, percebe-se que Francisco Collares tentava mostrar a educação como a principal facilitadora do proselitismo entre os indígenas, uma vez que ela facilitava a civilização e, conseqüentemente, a evangelização. A estratégia de evangelizar e ao mesmo tempo educar já vinha sendo usada pelos missionários batistas desde o século XIX. Collares argumentava que, se a metodologia foi bem-sucedida entre “civilizados”, também deveria ser usada entre os indígenas. Contudo, também é possível entender aquilo que Collares propagava como uma estratégia discursiva para justificar os investimentos realizados até então. Como os indígenas não mostravam interesse em converter-se ao protestantismo batista, mostrar que eles estavam frequentando as escolas e passando por um pretenso processo de “aculturação” visava diminuir as críticas que as missões desenvolvidas entre os nativos constantemente recebiam das principais lideranças.

Victorino Moreira, um dos poucos líderes batistas defensores da obra de evangelização realizada por Francisco Collares, procurou mostrar a importância do trabalho de missionários/professores nas aldeias, principalmente entre as crianças. Segundo Moreira, os índios adultos imploravam aos missionários:

“Cuidae dos nossos filhos; nós os velhos, já não damos mais nada, somos tortos, criámo-nos nos caminhos errados, no ambiente viciado [...] Temos a cabeça muito dura. Cuidae, pois dos nossos filhos”³⁹.

Victorino Moreira tentou mostrar que “os velhos” eram desinteressados com relação ao aprendizado, pois já haviam sido criados em caminhos errados, em ambientes viciados, e tinham “a cabeça muito dura”.

Francisco Collares também possuía um pensamento semelhante. Segundo o missionário:

[...] É difficil mover os corações dos indios adultos ao arrependimento. A nossa esperança repousa nas crianças, por isso, estamos nos esforçando para captivar a sympathia dos paes, afim delles nos confiarem os filhos, para que possamos guial-os nos caminhos do Senhor [...] Estamos promptos para

³⁸ COLLARES, F.; CAMPELLO, Zacharias. “Noticias alegres”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 04 fev. 1937. p. 10.

³⁹ MOREIRA, V. “Missões nacionaes e o indio brasileiro”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1937. p. 5.



enfrentar os sacrifícios para ver resultados na evangelização indígena. Uma coisa pedimos aos servos do Senhor – VOSSAS ORAÇÕES⁴⁰.

Dentre as instituições de ensino organizadas por Francisco Collares, o Colégio Batista Fulgencio Soren, na cidade de Itacajá, então norte de Goiás, destaca-se desde a sua formação por duas razões principais. A primeira diz respeito ao seu contexto de formação. Em uma de suas viagens de visita às aldeias que evangelizava no ano de 1942, o missionário teria encontrado três crianças órfãs, “abandonadas à própria sorte”. O pai estava procurando alimento na região e a mãe morrera doente, enquanto o genitor estava ausente. Naquele mesmo dia, Francisco e sua esposa teriam tomado a decisão de construir uma escola, que também serviria de orfanato, para cuidar das crianças abandonadas da região⁴¹.

A segunda razão é que a instituição é tida como a principal responsável pela formação educacional da cidade de Itacajá. A procura por vagas na escola, principalmente para o internato, crescera de tal forma que a população se multiplicou ao redor da instituição. Aos poucos, aquilo que era um pequeno povoado cresceu. Desta forma, o povoado foi elevado à categoria de município, pela Lei Estadual n. 891, de 12 de novembro de 1953. A prefeitura da cidade, fazendo um breve histórico do município vê suas origens assim:

A fundação de Itacajá deveu-se aos esforços do missionário batista, Pr. Francisco Colares que ali se radicara em 1938 para evangelizar os Índios Kraôs. Tendo porém, em vista as necessidades dos sertanejos, fundou uma escola e um orfanato (sic). "A cidade começou com um orfanato fundado pelo Pr. Francisco Colares e sua mulher Beatriz, em 10 de abril e 1942"⁴².

Apesar da forma romântica na qual a história é contada pelos representantes da denominação, é possível perceber a importância da instituição para a comunidade local – do ponto de vista da instrução e da educação formal –, bem como para a inserção evangélica na região. Num contexto em que a Igreja Católica gozava de vários privilégios por parte do Estado, inclusive com o apoio na catequização indígena, a formação de um município a partir de um trabalho

⁴⁰ COLLARES, F. “Diário de Francisco Collares (Evangelizando os índios)”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 23 out. 1930. p. 8.

⁴¹ Informação disponível em: <http://www.sibapa.net/larbatista/>. Acesso em: 04 nov. 2014.

⁴² A fundação de Itacajá. Disponível em: <http://www.itacaja.com.br/historia1.html>. Acesso em: 03 nov. 2014.



protestante é algo que merece ser destacado⁴³. A Igreja Católica era acusada pelos protestantes de desviar os recursos que recebia para catequizar os nativos e ainda “[...] a pretexto de civilizá-los, tomam-lhe as terras e reduzem-nos a categoria de escravos. Ainda apelam para os bons sentimentos do povo, arrecadando gordas ofertas”⁴⁴.

A estratégia de inserção religiosa e educacional adotada por Francisco Collares, por muito tempo foi defendida por missionários batistas norte-americanos, os quais, na maioria dos casos, desempenhavam duplos papéis, como o de evangelista e o de professor. Muitos líderes protestantes afirmavam ter como objetivos primordiais melhorar as condições educacionais do país, auxiliar no processo de inserção da “religião verdadeira” e de uma cultura superior, em detrimento da inferior, católica, que estaria impregnada no Brasil desde a chegada dos primeiros europeus. Dessa forma, procuravam investir em educação formal nos mais variados níveis, pois, nas considerações das lideranças evangélicas, a sociedade brasileira só lograria avanços quando a educação formal fosse valorizada e tida como primordial⁴⁵.

A intenção em mostrar a educação como principal auxiliadora no processo de conversão ficava nítida em algumas documentações (cartas, relatórios, jornais, etc.). Os batistas afirmavam que a escola seria um espaço perfeito para se evangelizar, uma vez que se poderia concentrar um grande número de pessoas em um só local. A evangelização precisaria ser acompanhada da educação e a educação precisaria ser acompanhada da evangelização⁴⁶. Segundo Daniel B. Lancaster, para ter êxito na obtenção de conversos, missionários batistas afirmavam ser necessário investir no aperfeiçoamento escolar e não apenas na construção de templos⁴⁷.

⁴³ CALVANI, Carlos Eduardo B. “A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil”. *Revista Pistis Prax*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 53-69, jan./jun. 2009.

⁴⁴ SILVEIRA, Moysés. “Missão religiosa estrangeira para colonizar as fronteiras do Brasil”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 09 out. 1941. p. 1.

⁴⁵ SEIXAS, Mariana Ellen Santos. Protestantismo, política e educação no Brasil: a propaganda do progresso e da modernização. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. 3, n. 7, p. 333-358, 2010.

⁴⁶ VILAS-BOAS, Ester Fraga. A influência da pedagogia norte-americana na educação em Sergipe e na Bahia. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 1, n. 2, p. 1-30, jul./dez., 2001.

⁴⁷ LANCASTER, Daniel B. *The Bagbys of Brazil: the life and work of William Buck and Anne Luther Bagby*. Eakin Press: Austin, 1999.



Antonio Gouvêa Mendonça corrobora com a ideia defendida por Daniel B. Lancaster, quando afirma que as missões não tinham apenas a função de conversão, mas também de civilização. Mendonça destaca que a intenção de se investir em escolas teve dois objetivos principais. O primeiro, ideológico, com os colégios centrais, cujas funções mesclavam-se com o interesse de atingir os altos escalões da sociedade. O segundo, representado pelas escolas paroquiais (como as construídas nas comunidades indígenas), era mais instrumental, pois tinha a função de facilitar o proselitismo, na medida em que o ensino visava a inserção do indivíduo na nova fé. O protestantismo, a religião do livro, só poderia lograr êxito em meio a pessoas alfabetizadas, uma vez que havia a necessidade da leitura para o acompanhamento dos cultos, bem como para o estudo bíblico⁴⁸.

Porém, apesar de Francisco Collares ter apresentado algum sucesso em sua estratégia de inserção religiosa com o auxílio da educação, nem todas as lideranças batistas compactuavam com essa metodologia de evangelização. Como citado no início deste artigo, a maioria dos missionários nacionais afirmavam que instituições de ensino deveriam ficar em segundo plano, pois o objetivo principal da missão era a evangelização. Se a missão entre os indígenas era tida como perda de tempo, uma escola numa aldeia significava desperdício de recursos. Nos anos 1930, várias eram as queixas contra a manutenção de colégios e escolas paroquiais. Nos grandes centros, a alegação era a de que o Brasil havia sentido os efeitos da crise de 1929, fazendo com que muitos pais tirassem seus filhos das escolas⁴⁹. Nesse caso, não era possível manter uma grande instituição, uma vez que não havia alunos suficientes para arcar com os gastos de seu funcionamento. Já as escolas paroquiais nas aldeias eram vistas como investimentos sem retorno, pois os indígenas não pagavam mensalidade. Além disso, os uniformes, os materiais, a alimentação e, em alguns casos, os transportes que serviam os alunos, eram todos custeados pela missão⁵⁰.

Um dos maiores críticos da manutenção de grandes colégios e de escolas

⁴⁸ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1995.

⁴⁹ BAGBY, William B. **Carta endereçada ao Sr. Victorino Gans**. Porto Alegre, RS. In: Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. 16 dez. 1931. p. 1-2.

⁵⁰ MATOS, Alderi Souza de. **Erasmus Braga, o protestantismo e a sociedade brasileira: perspectivas sobre a missão da igreja**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.



paroquiais por parte das Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira e Junta de Richmond (organização missionária do Sul dos Estados Unidos, responsável pela maioria das missões batistas no contexto em questão) foi o missionário norte-americano Arthur Beriah Deter. Em cartas enviadas aos superiores nos Estados Unidos, procurava sempre mostrar o investimento na educação como descaso com a evangelização. De acordo com Deter, algumas igrejas estavam em estado degradante e com dificuldades financeiras enormes. Os templos estariam correndo o risco de serem fechados e os salários dos pastores não estariam sendo pagos. Enquanto isso, recursos “valerosos” eram desperdiçados com a educação⁵¹. Em 1933, mostrou todo seu descontentamento ao Dr. Maddry, um dos secretários da Junta de Richmond, criticando a forma com que o dinheiro estava sendo investido em colégios. Segundo Deter, a Junta gastara centenas de milhares de dólares em instituições de ensino, mesmo sabendo que raramente ocorriam conversões nas escolas. Tal verba deveria servir ao proselitismo para a “salvação dos perdidos”⁵².

Contudo, não foram apenas as críticas das lideranças nacionais e norte-americanas que estiveram entre as dificuldades enfrentadas por Francisco Collares no seu projeto de salvação dos indígenas. Bratcher, um dos principais incentivadores do estabelecimento da missão entre os nativos, em alguns momentos também reconhecia que o evangelismo dos indígenas seria mais complicado na sua execução, bem como mais oneroso por todo o aparato auxiliar necessário⁵³.

A situação dos nativos também era tida como um empecilho para um sucesso mais imediato no processo de conversão. Beatriz Collares dizia que tinha muita dificuldade em “anunciar o evangelho” para as crianças e as mulheres das comunidades que visitava devido “às circunstancias de peccado que rodeiam aquellas pobres creaturas”⁵⁴. Muitos indígenas, “[...] guiados pelos seus pagés, rejeitam a Palavra de Deus, não querendo deixar os seus costumes velhos e

⁵¹ DETER, A. B. **Carta endereçada ao Dr. Maddry**. Curitiba, PR. Arthur Beriah Deter Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville. 27 ago. 1934. p. 1-2.

⁵² DETER, A. B. **Carta endereçada ao Dr. Maddry**. Curitiba, PR. Arthur Beriah Deter Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville. 02 jun. 1933. p. 1-2.

⁵³ BRATCHER, L. M. “Relatorio annual da Junta de Missões Nacionaes da Convenção Brasileira, relativo ao anno de 1930”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 22 jan. 1931. p. 5-8.

⁵⁴ COLLARES, B. “Entre os indios”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1931. p. 8.



pecaminosos e, presos nas trevas, continuam sob o domínio da mais negra superstição”⁵⁵. Tais “costumes velhos e pecaminosos” eram tidos como os principais responsáveis por atos de violência por parte da maioria dos indígenas. No ano de 1932, Beatriz Collares relatou que presenciou o espancamento de uma índia pelo seu marido na frente de todos da aldeia. Pedia orações para que o trabalho de inserção missionária não fosse abalado pela condição de “pecaminosidade”, que gerava todo o horror presenciado por ela e por seu marido quase que semanalmente⁵⁶.

O próprio Francisco Collares, apesar de todo o discurso de sucesso analisado anteriormente, por um momento chegou a pensar em desistir de realizar os ensinamentos protestantes entre os *craô*. Em um relatório apresentado à Junta de Missões Nacionais no ano de 1931, afirmou que “[...] o tradicionalismo do índio, não somente a tradição, mas os vícios, pecados e preconceitos de raça fazem tremendos obstáculos ao nosso trabalho”⁵⁷. Dizia que incansavelmente estava

pregando o evangelho aos índios, mas, “[...] eles, entretanto, continuavam na dureza dos seus corações, sem escutar os meus conselhos, por isso estava resolvido a abandoná-los, porque via que os meus esforços eram baldados”⁵⁸.

Segundo Collares, sua decisão não se concretizou porque um dos nativos, a quem chamava de “índio Raymundinho”, teria implorado pela sua paciência, reconhecendo a “dureza do coração dos selvagens”, mas garantindo que em breve os frutos seriam colhidos, apesar das dificuldades⁵⁹. Percebe-se nas citações acima que o missionário tentava convencer as lideranças batistas que valeria o esforço para manter os trabalhos entre os indígenas. Mesmo mostrando “dureza nos corações”, alguns nativos *imploravam* para que a missão fosse mantida no local. A ideia era sensibilizar ofertantes e novos missionários a contribuírem com a evangelização daquelas aldeias no interior de Goiás.

É interessante perceber as singularidades, descontinuidades e

⁵⁵ COLLARES, B., 1931. p. 8.

⁵⁶ COLLARES, B. “Entre os índios”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 12 mai. 1932. p. 8.

⁵⁷ COLLARES, F. “Relatorio de Fracisco Collares”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 07 maio. 1931. p. 10.

⁵⁸ COLLARES, F., 1931. p. 10.

⁵⁹ COLLARES, F., 1931. p. 10.



contradições nos discursos dos missionários e das lideranças da Junta de Missões Nacionais. Em determinado momento, a missão estava dando frutos. Em outro, o trabalho estava um fracasso. Por um instante, os missionários afirmavam que estavam ali por uma vocação e que não abandonariam o trabalho. Contudo, escreviam cartas afirmando que pensavam em desistir da missão, uma vez que o evangelismo entre os nativos era difícil e as conversões não ocorriam tão facilmente. Mesmo assim, o trabalho na região foi mantido pela Junta, apesar das dificuldades internas e externas enfrentadas pelos missionários envolvidos. Francisco Collares insistiu na tentativa de catequisar os craô até sua saída da missão em 1955. Porém, vale ressaltar que, no ano de 1939, a Junta decidiu que a “Evangelificação da Pátria” precisava seguir novos rumos (evangelificação dos sertanejos). Mesmo assim, os missionários afirmaram que continuariam com os esforços para inserir os indígenas na sociedade nacional e ao mesmo tempo “ganhá-los para Cristo”⁶⁰.

Considerações Finais

As ações da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira visavam evangelizar o Brasil Central, mesmo que parte dos missionários, sobretudo os norte-americanos, se colocasse contra a abertura de missões no interior naquele período. Até o início dos anos 1920, os norte-americanos afirmavam que as grandes cidades deveriam receber os investimentos em recursos humanos e financeiros para o desenvolvimento das missões. Os brasileiros defendiam que os povos do interior necessitavam de maior atenção, haja vista a suposta situação precária em que viviam nos níveis social e espiritualmente. Essas discordâncias deram origem ao Movimento Radical que dividiu a denominação no país por um bom tempo.

A ida de Francisco Collares para Piabanha esteve dentro de um contexto de disputas políticas, religiosas, financeiras e por espaços de poder entre a denominação batista. As ações do missionário despertaram discordâncias e entusiasmos daqueles que recebiam relatórios da missão. Suas ações entre os indígenas são exaltadas por historiadores denominacionais que enxergam nos

⁶⁰ FALCÃO, Silas. “Novos rumos na evangelização pátria”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 04 maio. 1939. p. 11.



trabalhos ali realizados um grande passo para a inserção missionária batista para o Brasil Central.

Nas notícias divulgadas pelos três missionários analisados neste artigo, na maioria dos casos, os trabalhos eram descritos como uma bênção, em desenvolvimento, dando frutos, etc. Porém, nem sempre esses frutos eram discriminados. Em alguns momentos, devido às críticas recebidas de leitores e financiadores do evangelismo batista no Brasil, os missionários precisaram justificar-se. Nesse sentido, procuravam demonstrar que estavam trabalhando arduamente para

[...] evangelizar os índios, por esta razão promovemos tudo que venha influenciar para o levantamento espiritual e moral destas infelizes criaturas tão dignas de melhor sorte. Temos, portanto, sobre os nossos ombros uma dupla missão entre os índios: - civilizá-los e evangeliza-los⁶¹.

Apesar das afirmações acima, o número de convertidos era considerado pequeno se comparado ao investimento realizado. Quando precisou apresentar “algumas ligeiras notícias sobre a marcha do trabalho do Senhor entre os índios Kraôs, residentes em Indianopolis, Norte de Goiaz”⁶², Francisco Collares afirmou que estava sendo muito difícil obter sucesso na evangelização dos indígenas, “[...] isto por causa delles serem inveterados no peccado e vícios; assim como receberam e recebem dos seus vizinhos civilizados os maus exemplos e conselhos, com raras exceções”⁶³. Mesmo reiterando que promovia “tudo que venha influenciar para o levantamento espiritual e moral destas infelizes criaturas”, nenhum índio havia se convertido na região desde a sua chegada, no ano de 1930.

Os líderes da JMN passaram a afirmar que seria mais interessante concentrar os esforços do missionarismo entre os sertanejos. A. R. Crabtree, um dos missionários e historiadores denominacionais que estava no Brasil naquele momento mostrou que os trabalhos indígenas não estavam dando os frutos que a JMN desejava. Segundo o autor:

Baptist missionary work among the uncivilized Indians has not been notable successful [...] The strained relations between the roving Indians and Brazilians on the borderland have created

⁶¹ COLLARES, F. Evangelizando os índios. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro. 10 dez. 1931. p. 7.

⁶² COLLARES, F., 10 dez. 1931. p. 7.

⁶³ COLLARES, F., 10 dez. 1931. p. 7.



distrust on both sides. While little progress has been made in evangelization, something has been accomplished in opening the way⁶⁴.

Nesse sentido, em 1939, as lideranças da organização apresentaram aquilo que deveria ser os

Novos rumos na evangelização pátria. Novos rumos sem desprestigiar os antigos. E é esse o caminho por que se envereda, em nossos dias, a Junta de Missões Nacionais. O trabalho de evangelização aos selvagens continua de pé. Ele tem revelado até que ponto chega o heroísmo cristão. Os anais de sua historia estão repletos de feitos heroicos, de exemplos vívidos de consagração e amor a Cristo. Sim, continua de pé e deve continuar. Mas a Junta voltou as suas vistas para os semi-civilizados, empreendendo uma fortissima campanha evangelistica no sertão brasileiro. A experiencia veio provar que este era um rumo certo. Zacarias estava tão convicto disto que, segundo nos informou, no Recife, nem esperou pela determinação da Junta para armar sua tenda entre os sertanejos. E Deus provou que isto era Sua vontade, coroando de grande êxito o trabalho do seu servo⁶⁵.

As lideranças missionárias perceberam ao longo dos anos que os nativos continuavam com suas crenças, ritos e mitos, mesmo afirmando ter se convertido ao cristianismo. As festas, em alguns casos, eram adorações a divindades cultuadas antes da chegada dos missionários. Em outros, os nativos procuravam mostrar que estavam prestando culto ao Deus cristão, provavelmente tentando obter a aprovação dos missionários, ou mesmo tentando, de alguma forma, cultuar ao novo Deus sem perder suas tradições. Isso não era bem-visto aos olhos dos missionários que faziam de tudo para acabar com tais práticas, na maioria das vezes sem sucesso⁶⁶.

⁶⁴ “O trabalho missionário batista entre os índios incivilizados não tem tido sucesso notável [...] As tensas relações entre os índios itinerantes e os brasileiros na fronteira criaram desconfiança em ambos os lados. Embora pouco progresso tenha sido feito na evangelização, algo foi feito para abrir o caminho” (Tradução do autor). CRABTREE, A. R. **Baptists in Brazil**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1953. p. 133.

⁶⁵ FALCÃO, 04 maio 1939, p. 11.

⁶⁶ Segundo Niall Ferguson, esse descontentamento foi uma constante entre o missionarismo protestante ao redor do mundo até pelo menos a primeira metade do século XX. Segundo o historiador, missionários que trabalhavam na África ficavam insatisfeitos com o resultado dos trabalhos que ali eram desenvolvidos. Muitos se diziam convertidos, mas continuavam a andar sem roupas, participando das festas em suas comunidades e possuindo configurações familiares abominadas pelas lideranças protestantes. FERGUSON, Niall. **O Império: como os britânicos fizeram o mundo moderno**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.



Analisando o missionarismo batista na região de Tocantínia, principalmente entre os indígenas xerentes, Patrícia C. Grigório⁶⁷ afirma que a distância para um grande centro urbano, a dificuldade com a língua, a falta de recursos humanos e financeiros e a presença católica que realizava atividades religiosas e culturais entre os índios, teriam dificultado o trabalho de evangelização por parte dos batistas nos anos 1930.

Foi apenas em meados da década de 1950, com a chegada da missionária Anna Muller, enviada pela Missão Novas Tribos do Brasil (fundada em 1953), que o trabalho entre os nativos da região se consolidou. É interessante observar que, mesmo com missionários batistas naquele momento se opondo ao trabalho realizado em conjunto com outras igrejas, a Missão Novas Tribos do Brasil possuía um caráter interdenominacional. Nos dias atuais, a referida organização é vinculada à JMN da CBB. No ano de 1982, a Convenção formalizou sua atuação entre os xerentes junto à Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Atualmente, os xerentes contam com duas igrejas batistas lideradas por indígenas, realizando cultos à sua maneira. Grigório destaca que a presença católica na comunidade sempre foi de grande expressão, porém, os batistas foram mais ativos e conseguiram maior êxito em seu projeto missionário e civilizatório. Segundo a historiadora, raramente um indígena xerente se declara católico dada a forte presença batista no local⁶⁸.

Outro ponto a ser destacado é que a Missão Novas Tribos do Brasil esteve ligada ao Instituto Linguístico de Verão (SIL – sigla em inglês), organização norte-americana que visava estudar línguas nativas, principalmente na América Latina, com o objetivo de facilitar o trabalho missionário entre os indígenas. A partir dessa parceria foi possível constatar um maior número de conversos entre os nativos, uma vez que eles tinham acesso a pregações, literaturas e músicas em seu próprio idioma. Muito dessa empreitada esteve ligada à expansão capitalista do empresário Nelson Rockefeller no Brasil. Sua família realizou, a partir dos anos 1920, no mesmo contexto em que os missionários norte-americanos decidiram expandir as missões para o interior, um levantamento das condições de vida de

⁶⁷ GRIGÓRIO, Patrícia Costa. “O Evangelho não destrói culturas”: a Missão Transcultural Batista entre os índios Xerente do Tocantins. *In*: Congresso de História da ANPUH-Rio: Saberes e Práticas Científicas. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, Universidade Santa Úrsula, 2014, p. 1-10.

⁶⁸ GRIGÓRIO, 2014.



povos da Amazônia e do Brasil Central. Contudo, foi justamente após os anos 1950 que o investimento em diversas regiões do país começou com mais afinco. Rockefeller doou milhões de dólares para missões abertas em locais de seu interesse econômico. Estudar as línguas nativas foi uma estratégia que ele utilizou para ganhar a confiança dos indígenas e explorar as riquezas que possivelmente havia em determinada região. A partir de então, as missões entre os nativos cresceram no Brasil. Nas regiões em que o SIL esteve presente, o número de indígenas que se declaram protestantes supera, em alguns casos, o número daqueles que se declaram praticantes de religiosidades nativas⁶⁹.

Como afirmou o missionário Silas Falcão, o trabalho entre os sertanejos deveria ser a prioridade dos batistas a partir de 1939. Não se pode afirmar que a evangelização sertaneja só ocorreu a partir daquele ano. Contudo, os investimentos em recursos humanos e financeiros foram ampliados com esse objetivo e a evangelização dos indígenas foi sendo colocada em segundo plano pela JMN. O próprio Silas Falcão foi responsável pela abertura de algumas igrejas no interior do Brasil, principalmente a partir dos anos 1950⁷⁰.

Data de submissão: 14/12/2022

Data de aceite: 23/05/2023

Referências

Fontes

BAGBY, William B. **Carta endereçada ao Sr. Victorino Gans**. Porto Alegre, RS. *In*: Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. 16 dez. 1931.

BRATCHER, L. M. “Francisco e Beatriz Collares”. **O Jornal Baptista**, Rio de Janeiro, 22 jan. 1931.

BRATCHER, L. M. “Relatorio annual da Junta de Missões Nacionaes da Convenção Brasileira, relativo ao anno de 1930”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 22 jan. 1931.

⁶⁹ COLBY, Gerard; DENNETT, Charlotte. **Seja feita a vossa vontade: a conquista da Amazônia – Nelson Rockefeller e o evangelismo na idade do petróleo**. Rio de Janeiro: RECORD, 1998.

⁷⁰ Informação disponível em: <http://www.museubatistadosertao.org/igrejas.html>. Acesso em: 03 nov. 2014.



COLLARES, B. “Entre os índios”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1931.

COLLARES, B. “Entre os índios”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 12 mai. 1932.

COLLARES, F. “A evangelização dos índios: discurso de Francisco Collares”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 16 maio. 1935.

COLLARES, F. “Diario de Francisco Collares (Evangelizando os índios)”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 23 out. 1930.

COLLARES, F. “Evangelizando os índios”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 07 abr. 1932.

COLLARES, F. “Francisco Collares”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 11 set. 1930.

COLLARES, F. “Noticias dos campos: Francisco Collares”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 05 set. 1935.

COLLARES, F. “Olhando os campos: Francisco Colares”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 05 nov. 1942.

COLLARES, F. “Porque evangelizar os índios”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1930.

COLLARES, F. “Relatorio de Fracisco Collares”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 07 maio. 1931.

COLLARES, F. Evangelizando os índios. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro. 10 dez. 1931.

COLLARES, F.; CAMPELLO, Zacharias. “Noticias alegres”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 04 fev. 1937.

DETER, A. B. **Carta endereçada ao Dr. Maddry**. Curitiba, PR. Arthur Beriah Deter Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville. 27 ago. 1934.

DETER, A. B. **Carta endereçada ao Dr. Maddry**. Curitiba, PR. Arthur Beriah Deter Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville. 02 jun. 1933.

FALCÃO, Silas. “Novos rumos na evangelização pátria”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 04 maio 1939.

MOREIRA, V. “Missões nacionaes e o índio brasileiro”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1937.

O Jornal Batista, Rio de Janeiro, 14 set. 1980.



SOUZA, M. A. “A Junta e a instrução dos índios e civilizados no interior. Tentativas no passado e no presente”. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 15 fev. 1934.

SOUZA, M. A. Notícias dos campos. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro. 30 maio 1935.

Bibliografia

ADAMOVICZ, Anna Lúcia Collyer. **Imprensa protestante na Primeira República**: evangelismo, informação e produção cultural. *O Jornal Batista* (1901 – 1922). Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ALMEIDA, Vasni de; SABINO, Wedster Felipe Martins. “Destruindo as trevas espirituais, morais e intelectuais”: historicidades religiosas e educação batista no Vale do Rio Tocantins (1936-1940). **Rev. Hist. UEG**, Porangatu, v.8, n. 1, p. 1-20, 2019.

ALMEIDA, Vasni de; SABINO, Wedster Felipe Martins. As práticas missionárias batistas no vale do Rio Tocantins entre 1925 e 1940: apontamentos históricos para a compreensão de um evangelismo conservador, **Revistas Desafios**, Porto Nacional, v. 7, n. Especial, p. 229-242, 2020.

ALMEIDA, Vasni; LOBO, Maiza Pereira. Gênero: as organizações femininas e o trabalho educacional e missionário no antigo Norte de Goiás. **DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, Palmas, v. 2, n. Especial, p. 38-57, 2015.

AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo**: a formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: Editora da UNIMEP, 1996.

CALVANI, Carlos Eduardo B. “A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil”. **Revista Pistis Prax**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 53-69, jan./jun. 2009.

CARVALHO, Raquel Alves de. A missão Evangélica Caiuá: instalação e organização. **Revista de Educação do Cogeime**, São Paulo, n. 25, p. 89-103, 2004.

COLBY, Gerard; DENNETT, Charlotte. **Seja feita a vossa vontade**: a conquista da Amazônia – Nelson Rockefeller e o evangelismo na idade do petróleo. Rio de Janeiro: RECORD, 1998.

CRABTREE, A. R. **Baptists in Brazil**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1953.

FERGUSON, Niall. **O Império**: como os britânicos fizeram o mundo moderno. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.



FREIRE, José Ribamar Bessa; LIBÂNIO, Pedro. Rondon, o Brasil dos sertões e o projeto de nação. *In*: FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **Memória do SPI**: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910–1967). Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI, 2011.

GINSBURG, Salomão Luiz. **Um judeu errante no Brasil**: autobiografia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa/Casa Publicadora Batista, 1970.

GONÇALVES, Carlos Barros. **Até os confins da terra**: o movimento protestante ecumênico no Brasil e a evangelização dos povos indígenas. Dourados (MS): Editora da UFGD, 2011.

GRIGÓRIO, Patrícia Costa. “O Evangelho não destrói culturas”: a Missão Transcultural Batista entre os índios Xerente do Tocantins. *In*: Congresso de História da ANPUH-Rio: Saberes e Práticas Científicas. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, Universidade Santa Úrsula, 2014, p. 1-10.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. A luta pela terra nos sertões de Mato Grosso. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 148-168, 1999.

LANCASTER, Daniel B. **The Bagbys of Brazil**: the life and work of William Buck and Anne Luther Bagby. Eakin Press: Austin, 1999.

LOURENÇO, Renata. A Missão Evangélica de Caiuá e a educação escolar para os indígenas da Reserva de Dourados e Aldeia do Panambizinho – de 1928 a 1968. **Fronteiras**, Dourados, v. 12, n. 21, p. 125-150, 2010.

MARTINS, Mário Ribeiro. **Quem foi Francisco Colares?** [s.l] 2014. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=11311&cat=Ensaios>. Acesso em: 03 nov. 2014.

MATOS, Alderi Souza de. **Erasmus Braga, o protestantismo e a sociedade brasileira**: perspectivas sobre a missão da igreja. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1995.

MUNIZ, Tamires Alves; SOUZA, Sauloéber Tarsio de. Evangelizar, educar e modernizar: os institutos Samuel Graham e Granbery e a experiência protestante em Goiás (1943-1963), **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 22, n. 1, p. 1-26, 2022.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas do. **Educar, curar, salvar**: uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió: EDUFAL, 2007.

OLIVEIRA, Edson Douglas de. **Um Judeu Batista no Brasil**: Relações entre protestantismo, estudo e sociedade no período da República Velha com base na narrativa do missionário batista Salomão Ginsburg (1890-1909). Dissertação



(Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

PURIN, Dulce Consuelo Lopes. **O aventureiro que Deus usou**: biografia de Zacarias Campelo. Rio de Janeiro: UFMBB, 2011.

RIBEIRO, Ezilene Nogueira. **Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção dos batistas em Belém do Pará**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011.

SEIXAS, Mariana Ellen Santos. Protestantismo, política e educação no Brasil: a propaganda do progresso e da modernização. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 7, p. 333-358, 2010.

SILVA, Paulo Julião da. “O apóstolo do sertão”: L. M. Bratcher e o início da expansão batista para o Brasil Central. **Lusitania Sacra**, Lisboa, v. 2, n. 35, p. 119-144, 2017.

SILVA, Paulo Julião da. **Entre a evangelização e a política**: a expansão missionária batista para o Brasil Central. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

SILVEIRA, Moysés. “Missão religiosa estrangeira para colonizar as fronteiras do Brasil”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 09 out. 1941.

VILAS-BOAS, Ester Fraga. A influência da pedagogia norte-americana na educação em Sergipe e na Bahia. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 1, n. 2, p. 1-30, jul./dez., 2001.

